



Caranguejo¹

Renata CALEFFI²
Gabriela Dedio JACUBOSKI³
José Adolfo Gonçalves VAZ⁴
Suellen Gonçalves VIEIRA⁵
Ariane PEREIRA⁶

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava - PR

RESUMO

O documentário mostra a história de várias pessoas que têm em comum a presença do câncer em suas vidas. Além disso, traz informações a respeito da doença e de seu tratamento. O trabalho tem o intuito de desmistificar o câncer e mostrar que é possível conviver e vencer a doença, mesmo que ainda não exista cura. É retratado também o trabalho da Acopecc, uma entidade de Guarapuava que dá suporte aos pacientes de câncer que fazem tratamento na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Câncer; Jornalismo de Serviço.

INTRODUÇÃO

O jornalismo e o documentarismo televisivos têm funcionado como dois importantes canais de conhecimento e atualização de fatos e temas do cotidiano. Ambos, nos últimos anos, têm ganhado espaço nas grades das emissoras, na medida em que se prestam a retratar a realidade de forma mais aprofundada – ao contrário do telejornalismo diário que, normalmente, funciona como mera ponte entre os fatos de maior relevância e o grande público.

A produção dos documentários nos remete a aproximações e diferenças entre a narrativa cinematográfica e a jornalística. Se partirmos do pressuposto de que “narrar é contar uma história”, tanto o cinema quanto o jornalismo estão aptos a realizar essa tarefa. O cinema cedeu espaço para outros formatos não-ficcionais e o documentário tem se apresentado como um campo privilegiado onde o debate sobre os diversos fatores sociais acontece desvinculado das regras da imprensa.

Um dos motivos que possibilita essa inferência é o caráter autoral do documentário, o qual deixa o documentarista livre para novas possibilidades temáticas e estéticas. Através

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em vídeo

² Aluna líder do grupo e recém formada pela Unicentro em 2009, email: renatacaleffi@yahoo.com.br.

³ Recém-formada pela Unicentro em 2009, email: gabi_jacuboski@hotmail.com.

⁴ Recém-formado pela Unicentro em 2009, email: adolfvaz_1@hotmail.com.

⁵ Recém-formada pela Unicentro em 2009, email: suellengvieira@hotmail.com.

⁶ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: ariane_carla@uol.com.br.



dele, é possível adentrar novas zonas de significado e sentido. Além disso, o tempo de preparação de um documentário (em alguns casos os personagens são acompanhados por anos) permite a elaboração de novas narrativas. Tal aspecto faz o documentário divergir de uma reportagem – mais preocupada em relatar os acontecimentos no calor da hora – por fazer com que o documentarista estabeleça um vínculo mais estreito com os personagens.

Essa diferença no procedimento de elaboração permite ao documentário aprofundar questões, não apenas descrevendo-as, mas apresentando razões, causas e possíveis desdobramentos que ultrapassam o campo da descrição. E mesmo através da liberdade de roteiro e de edição, a ética está em mostrar a representação, não em construir a representação. Através destes conceitos, buscamos esclarecer mitos e informar sobre a realidade do câncer por meio do documentário que denominamos “Caranguejo”.

Contamos histórias de vida de alguns pacientes e ex-pacientes através de seus próprios depoimentos, procurando sair do senso comum e mostrar fatos por outras lentes, pela visão de quem passa pelo problema. A intenção era ir além do superficial e trazer, além de informações, sensibilidade pra quem assiste o documentário.

2 OBJETIVO

O jornalismo em geral e o de serviço se confundem. Como afirma Ana Carolina Temer, em seu artigo *Reflexões sobre a tipologia do material jornalístico: o jornalismo e as notícias*, definir este tipo de jornalismo é uma tarefa complicada já que, de acordo com os princípios básicos da profissão, tudo é notícia/informação e, se é assim, tudo deve ser de interesse público – portanto, Jornalismo de serviço. No entanto, é preciso tomar cuidado com afirmações como essa. O que acontece atualmente é que os meios acabam, muitas vezes, prestando informações de interesse privado e é neste sentido que nos interessa abordar e aprofundar o conceito de Jornalismo de serviço.

Para Tyciane Vaz, com base em Marques de Mello, o processo do jornalismo e de seus conceitos/características nada mais é que um processo comunicativo social que surge na informação, mas atribui-se a ela também orientação, educação e diversão – características claras e evidentes de um Jornalismo de Serviço.

No jornalismo, definir o que é notícia ou não necessita de um método que atinja ramos maiores do que apenas a informação em si. A notícia, de acordo com Marcondes Filho (1986), “é uma informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais”, ou seja, ela não traz o real interesse público – e também os conceitos de que toda notícia é de serviço –, mas se enquadra cada vez mais em

um comércio capitalista. Ainda segundo Marcondes Filho, não só nos jornais, mas em todos os meios de comunicação de massa existe um interesse comercial, busca-se o capital como forma de divulgar a informação, e principalmente, influenciar o psíquico do receptor.

Atraídos por este gênero, encontramos no documentário uma forma de causar impacto, fazer com que os expectadores se sintam inquietos com o tema e percebam que ele pode e deve ser desmistificado.

Para Ramos, documentário é uma narrativa com imagens que aborda asserções sobre a realidade, sendo que a sua singularidade na constituição das imagens leva em conta a natureza das imagens-câmera e a dimensão da tomada. Além disso, ele se diferencia de filmes ficcionais – que têm como característica principal o entretenimento –, pois trata de temas sobre a realidade histórica. Isso posto, não há a possibilidade de inventar arcos⁷ de história, por exemplo, para despertar a atenção do telespectador, tendo que encontrá-los, por sua vez, no desenrolar das histórias destes personagens reais. “Se a narrativa ficcional se utiliza basicamente de atores para encarnar personagens, a narrativa documentária prefere trabalhar os próprios corpos que encarnam as personalidades no mundo, ou utiliza-se de pessoas que experimentam de modo próximo o universo mostrado” (RAMOS, 2008, p.26).

Consoante Barnouw (1974, apud BERNARD, 2008, p.02), “o documentarista tem uma paixão pelo que encontra nas imagens e nos sons – o que sempre lhe parece mais dotado de sentido do que qualquer coisa que ele possa inventar”. O que o cineasta faz com tais elementos verídicos é que é chamado pelo nome de documentário. Com a influência do cinema direto/verdade, a partir dos anos 1960, o documentário passa a utilizar as entrevistas ou depoimentos como enunciação. Desta forma, as narrativas são trabalhadas em primeira pessoa. Normalmente o “eu” fala sobre suas próprias experiências.

Da mesma forma que o documentário, a reportagem aborda asserções sobre o mundo, mas é produzida em outro formato, sendo apenas parte de um programa (telejornal). A reportagem é articulada com os discursos do âncora e do repórter, figuras que não existem no documentário. “Ao contrário da reportagem do programa telejornal, o documentário não está vinculado a acontecimentos cotidianos de dimensão social que denominamos notícia” (RAMOS, 2008, p.59). Entretanto, em alguns casos, reportagens se aproximam, de maneira marginal, da forma enunciativa dos documentários. Isto acontece

⁷ Bernard (2008) explica que o termo “arco” refere-se às mudanças sofridas pelos personagens ao longo dos acontecimentos da história, ao seus aprendizados. “Em documentários, arcos de história podem ser difíceis de encontrar. Nunca, tendo como interesse pura e simplesmente uma boa história, pode se presumir que se saiba o que um personagem está sentindo ou pensando” (p.21).



em reportagens amplas e mais distantes da cobertura corriqueira. Como exemplos, podem ser citadas algumas séries de reportagens exibidas pelos telejornais.

3 JUSTIFICATIVA

A proposta inicial para cumprir o trabalho era realizar um vídeo sobre o Hospital do Câncer de Londrina, na ala da pediatria. Como uma integrante do grupo já havia realizado tratamento nesse hospital, acreditamos que o processo seria interessante e, ao mesmo tempo, mais simples. Mas não foi. A burocracia e a falta de tempo hábil para a realização do projeto fizeram com que outro rumo fosse tomado.

No último ano do curso, a ideia voltou aos acadêmicos através de uma nova alternativa. Mesmo não existindo um hospital especializado no tratamento da doença em Guarapuava, existe uma clínica, a Oncoclin. Nos demos conta de que existem pacientes na cidade, fazendo tratamento também aqui, e não só em Curitiba, Londrina ou outras cidades de maior porte.

Quando encontrados os personagens, o único trabalho seria ouvi-los e transformar seus depoimentos em uma só narrativa. Cada história, em sua singularidade, construiria um tema, tentando passar, através dos detalhes, o que é ter e passar pela doença, desde o momento da descoberta, passando pela aceitação e o tratamento, até a cura. O ideal seria chegar a um documentário que revelasse a dor e a complexidade do processo da doença e, ao mesmo tempo, mostrar que é possível superar e voltar a ter uma vida normal e saudável. Foi assim que “Caranguejo” começou a tomar forma.

O título do documentário devido a origem da palavra câncer, que vem do latim e significa caranguejo. O nome vem da semelhança entre o tumor canceroso e os tentáculos do caranguejo, já que as células doentes atacam e se infiltram nas células sadias.

Há dois locais de filmagens que são instituições parceiras da nossa produção. A Oncoclin (Clínica de Oncologia) atende aos pacientes com diagnóstico do câncer, que são encaminhados após consultas no hospital de caridade São Vicente de Paulo, feitas através do SUS (Sistema Único de Saúde). A Oncoclin também atende pacientes em âmbito privado, mas, segundo os administradores da clínica, a maioria é tratada e acompanhada por meio do SUS.

Já a Acopecc (Associação do Centro-Oeste do Paraná de Estudos e Combate ao Câncer) nasceu da vontade de algumas pessoas em ajudar os pacientes com câncer. Passados alguns anos de luta, com o fornecimento de cestas básicas, medicamentos e



demais auxílios, o grupo de pessoas resolveu fundar uma associação, com o objetivo de apoiar tais pacientes. A casa está situada na rua Vicente Machado, 963, no Centro, e atualmente é alugada pelo valor de 640 reais. Para sanar esta despesa e como forma de aumentar o número de atendidos na casa, a presidente da Acopecc, Maria Zeni Neves – a Mara –, está comprometida com a construção de uma nova sede, melhor planejada e que poderá dar mais comodidade aos que ali se instalam. A obra fica próxima à casa atual, e deve ficar pronta em janeiro de 2010, aumentando o número de beneficiados.

Outro objetivo do documentário “Caranguejo” foi divulgar a casa de apoio, que necessita de auxílios para a construção de uma nova casa e para continuar atendendo os pacientes.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Como localizar os personagens era algo intrigante e, a fim de solucionar o problema, cogitamos contatar a Acopecc (Associação do Centro-Oeste do Paraná de Estudos e Combate ao Câncer). Sem saber como era desenvolvido o trabalho da instituição, procuramos a presidente Maria Zeni Neves, que nos contou a história e as atividades da associação. Além de nos atender, a presidente nos orientou e passou alguns contatos. Maria Zeni também nos apresentou a Oncoclin, uma clínica de tratamento oncológico, e foi lá o primeiro contato com os pacientes, enquanto eles passavam por uma sessão de quimioterapia.

Em todas as primeiras quartas-feiras do mês a Acopecc realiza um encontro entre pacientes, familiares e algum profissional (nutricionistas, biomédico, psicólogo, farmacêutico, oncologista, etc) que atua como voluntário. Estivemos presentes em uma dessas ocasiões, onde acabamos conversando com pessoas que mais tarde se tornariam personagens do documentário. Por conseguinte, o restante das entrevistas foram realizadas a partir de um contato que se deu, previamente, por meio de telefonemas.

Após a reunião com a presidente da instituição, acompanhamento de algumas sessões de quimioterapia realizadas na Oncoclin e encontro de pacientes e ex-pacientes na Acopecc, foram selecionados inicialmente quatro personagens principais (pessoas que já tiveram a doença ou que estão em fase de tratamento).

Além da aprovação da Acopecc – por meio de sua presidente –, a Oncoclin, na responsabilidade da enfermeira Fabíola Braganholo foi consultada e, conseqüentemente, autorizou as filmagens dentro da clínica, desde que os pacientes que fossem filmados



estivessem de acordo. Uma cópia da autorização concedida pelos envolvidos foi arquivada pela Oncoclin.

O primeiro contato – e, por consequente, primeira entrevistada – foi a senhora Ermelina Costa Blasius. Moradora de Cantagalo, cidade vizinha a Guarapuava, ela estava hospedada na Acopecc durante a primeira semana de outubro, quando fazia sessões de quimioterapia. Ermelina foi acompanhada durante uma manhã da sua rotina diária.

Depois, foi realizado contato com os demais personagens selecionados durante a reunião. Com os endereços em mãos, fizemos visitas às casas de outras três pessoas (Guilherme Marcondes, Eva Neves e Luci da Rocha). Como Guilherme é a única criança e necessita da presença e dos cuidados constantes de sua mãe, ela foi uma entrevistada de suma importância. Para completar o quadro de fontes, Maria Zeni Neves, a presidente da Acopecc, também foi ouvida.

Durante toda a produção, exceto nas filmagens com a primeira entrevistada (Ermelina), foram utilizadas duas câmeras – ambas em movimentos sincronizados, ou seja, enquanto uma estava em movimento, a outra estava fixa.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O processo de edição do documentário teve início com a captura das entrevistas e imagens realizadas pelos produtores e, somadas, totalizaram cerca de nove horas de gravação. A fim de facilitar o processo, o programa utilizado para a edição foi o Adobe Premiere Pro CS3 – uma versão atualizada e uma das mais usadas, hoje, em edição de vídeos.

Durante a pós-produção, o intuito não foi explorar a emoção, mas sim mostrar a realidade. No entanto, o lado emocional acaba sobressaindo em alguns momentos, devido ao tema ser, por si próprio, comovente. Em poucos momentos, utilizamos o *slow*, e o uso de trilha sonora não foi exagerado. Apesar de comumente serem usados com o intuito de emocionar o espectador, esses recursos foram escolhidos com extremo cuidado, para não provocarem um sensacionalismo indesejado. Buscou-se retratar, desde as entrevistas até a finalização do documentário, a integridade dos personagens, a sinceridade e a realidade do cotidiano dos pacientes e familiares.

As histórias, cada uma em sua singularidade e apesar dos diferentes contextos, se completavam na essência. Por isso, a edição alternou frases dos personagens para que, como se fizessem parte um conto só, chegassem ao mesmo final. Seguimos uma ordem



cronológica (descoberta do diagnóstico – tratamento/quimioterapia/radioterapia – desfecho), separando estas fases a partir dos depoimentos.

Foi durante a pós-produção, também, que notamos a necessidade de informações adicionais, assim, optamos pelos *inserts*.

6 CONSIDERAÇÕES

Para Tyciane Vaz (2008) e demais autores defensores do Jornalismo de serviço, este ramo está em ascensão, ou seja, vem crescendo a cada dia, se tornando, assim, uma tendência no mercado. Ainda de acordo com a autora, as discussões “giram mais em torno dos temas polêmicos e que causam mais divergências, principalmente na academia. Mas, a informação utilitária vai mais além, também abrange o lado social e, muitas vezes, ajuda o cidadão a exercer a cidadania”.

E foi por isso que nós buscamos no Jornalismo de serviço o referencial teórico. Desde o início, o tema e o formato do nosso produto já eram sabidos: um documentário relacionado à batalha de quem tem ou teve câncer. Mas o maior desafio nisso seria expressar nossa vontade de exercer cidadania sem recorrer ao sensacionalismo.

Produzir “Caranguejo” tornou-se uma verdadeira descoberta de informações, não só para aquele que seria nosso público, mas também e principalmente para nós. A cada entrevista acabávamos conhecendo um pouco mais da doença e de como os personagens reagem de formas parecidas e, ao mesmo tempo, singulares – tanto em relação ao diagnóstico quanto durante o tratamento –, o que nos motivava a conhecer mais e mais histórias, já que uma tinha o contexto diferente da outra.

O resultado final foi apresentado para algumas pessoas com a intenção de observarmos reações. Dentre os comentários, a desmistificação do tratamento de quimioterapia foi o mais comum, pois, apesar de o termo ser utilizado na mídia, muitos não sabem como ela é realizada.

Além da desmistificação da doença, outro intuito era, de certa forma, revelar a Acopec e sua atuação aos guarapuavanos, já que muitos deles desconhecem a instituição. A iniciativa foi reconhecida pela presidente da casa de apoio, que, antes mesmo da finalização do projeto, nos convidou a produzir um vídeo institucional da Associação.

Ao final dessa produção, pretendemos homenagear àqueles que passam uma pequena ou grande parte da vida lutando para continuar nela. Também àqueles que,



indiretamente, sofrem com a doença. Finalmente, a esperança é que os que ainda não conhecem essa realidade tornem-se solidários a ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARD, Sheila Curran. Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986.

RAMOS, Fernão. Mas afinal... O que é mesmo documentário? São Paulo: Editora SENAC, 2008.

TEMER, Ana Carolina. Reflexões sobre a tipologia do material jornalístico: o jornalismo e as notícias. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação
São Paulo, v.30, n.1, p. 49-70, jan./jun. 2007. Disponível em:
<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/3233/3042>

VAZ, Tyciane. Jornalismo de Serviço: as espécies utilitárias como gênero na mídia brasileira. 2008 - Universidade Metodista. Revista Intercom. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0482-1.pdf>